

As representações da morte e do luto no ciclo de vida

Representations of death and mourning in the life cycle

Henrique Salmazo da Silva
Mariana Nakajo Zemuner
Pedro Henrique da Silva Rodrigues
Tatiane Barbosa de Andrade
Vanilda Martiniano
Deusivania Vieira da Silva Falcão

RESUMO: O objetivo deste estudo foi investigar as representações acerca da morte e do luto em diferentes grupos etários. Foram entrevistados 22 sujeitos, incluindo crianças, adultos jovens, adultos de meia-idade e idosos. Ao grupo de crianças, solicitou-se a elaboração de desenhos, e os demais participantes foram entrevistados, sendo os depoimentos registrados e analisados de forma qualitativa sob a análise temática de Minayo (1994). A representação da morte e do luto foi heterogênea. Para as crianças, a morte foi caracterizada como um evento não-normativo, representada pela violência urbana e transgressão das normas sociais. Os adultos jovens conceberam a morte como algo transcendente e o luto como a expressão da perda. Os adultos de meia idade, por outro lado, sinalizaram o respeito ao processo de luto e se referiram à morte como finitude, perda de esperança. Já os idosos destacaram a dimensão da própria finitude.

Palavras-chave: Morte; Luto; Ciclo de vida; Adultos; Idosos.

ABSTRACT: *The aim of this study was to investigate representations of death and mourning in different age groups. We interviewed 22 individuals, including children, young adults, middle-aged adults and seniors. The group of children, requested the preparation of drawings and other participants were interviewed, and the statements recorded and analyzed qualitatively under the thematic analysis of Minayo (1994). The representation of death and mourning was heterogeneous. For children death process was characterized as a non-normative event, represented by urban violence and transgression of social norms. The young adults conceive death as something transcendent and mourning as an expression of loss. The middle-aged adults, however, signaled respect for the grieving process and referred to death as finitude, loss of hope. Since the older adults have highlighted the extent of its own finitude.*

Keywords: *Death; Grief; Life Cycle; Adults; Older Adults.*

Introdução

A consciência da perda e do processo de morrer são atributos essenciais da humanidade. Por muitos anos, civilizações e filósofos ocidentais se debruçaram em refletir sobre a temporalidade da vida. A busca pela fonte da juventude eterna, pelo milagroso “el dorado” e pelas ervas milagrosas que tinham o incrível poder da imortalidade fizeram parte dos inúmeros mitos e narrativas acerca da possibilidade de remediar a morte (Birren, 1961; Birren & Schroots, 2001).

Por se tratar de um processo inevitável, a ideia de morte é quase sempre associada a uma sentença que ameaça o *self*. Morrer é lidar com a impotência e a falta de controle. Nessa direção, o processo de morrer evoca medo e emoções negativas por se tratar de uma entidade desconhecida, configurando-se como parte do destino humano, desafiando a imagem narcísica, as condutas e as crenças inconscientes de imortalidade (Doll & Py, 2007; Freud, 1915/1917; Pessini, 2001; Py, 2004). Através de técnicas de rejuvenescimento, o corpo pode ser transformado, mas não se pode evitar que ele morra. Assim sendo, representa, em certa medida, uma tragédia que impõe a separação definitiva do ciclo vital, o que cria, para muitos,

angústia, sofrimento e a reflexão sobre questões como, por exemplo, qual o propósito da existência humana? Após a morte, não há mais vida?

Nessa perspectiva, a dimensão da finitude e da morte assume implicações sobre diversos contextos, em especial ao longo do curso de vida, nos ambientes familiares, assistenciais, de prestação de cuidados e nos próprios veículos de comunicação, divulgando com certa banalidade os óbitos e os horrores da violência urbana (Py & Train, 2006; Wright & Nagy, 1994). Segundo Souza (2007), é comum encontrar, nos meios de comunicação em massa, cenas de morte que denotam imediatismo, comoção e estimulam emoções variadas entre os telespectadores. Para o autor, vivemos hoje em um paradoxo: ao mesmo tempo em que a morte encontra-se amplamente divulgada através de filmes e jogos, ela também pode ser sucumbida entre as instituições, hospitais e asilos.

A morte e o processo de morrer durante séculos vêm se modificando de acordo com as culturas e as necessidades dos homens em relação aos papéis sociais a que a ele se incorpora. O historiador francês Philippe Ariès escreveu sobre o tema num livro denominado *História da Morte no Ocidente* e depois em dois volumes intitulados *O Homem diante da Morte*. Ariès (1977), partindo de registros históricos (fontes literárias, litúrgicas, iconográficas, testamentárias e epígrafas) apresentou as diferentes formas de se apropriar e ritualizar a morte. De acordo com o autor, na Idade Média a morte era concebida como uma despedida, espécie de cerimônia pública em que o moribundo esperava o perdão dos companheiros. Todos (ex.: parentes, amigos, vizinhos e inclusive as crianças) podiam entrar no quarto e os rituais de morte eram cumpridos com manifestações de tristeza e de dor. O maior temor era morrer repentinamente, sem as homenagens cabidas, denominada *morte domada*.

Em contrapartida, a *morte de si mesmo*, no final da Idade Média, em torno do final do século XV, representa a morte como algo repulsivo aos olhos. Passou-se, então, a se utilizarem caixões de madeira, para esconder o corpo. Nesse período, assim como apresentou Ariès (1977), o conceito de *vida no cadáver*, *vida na morte*, postulava que o indivíduo morto tinha o poder de curar pessoas doentes, através de secreções do morto, unhas e cabelos, sendo usados na confecção de remédios. O medo de ser enterrado vivo eclodiu vários ritos e cerimônias para atrasar os enterros.

Já a *morte do outro* apresentava uma visão romantizada da morte, surgindo com ênfase nas representações literárias e artísticas do romantismo no século XIX. Nesse momento, a

morte apareceu como forma de religiosidade e espiritismo, na qual se desejava a fuga, o reencontro com pessoas queridas, mas, também, um momento de elevação do espírito.

De acordo com o autor supracitado, a morte no século XX assumiu a figura de *morte invertida*, tornando-se vergonhosa, algo que deveria ser evitado e que de preferência ocorresse nos hospitais, instituições e no isolamento. Foi destacada a supressão do luto, em que as pessoas buscam esconder a manifestação ou a vivência da dor. Para Doll e Py (2007), apesar de visões contrárias e historiadores que sugerem que todos os modelos históricos e sociais concebem a morte com temor e sofrimento, atualmente o processo de morrer é concretizado, muitas vezes, por um acordo realizado entre a família e os profissionais.

Este fenômeno, assim como denominou Ariès, pode ser compreendido como a “domesticação da morte”, tornando o cuidado e o processo de morrer algo público, na qual a família exerce apenas o papel de expectadora, ou coadjuvante no processo de tomada de decisões. Tal processo restringe aos familiares e aos doentes o direito de cuidar e ser cuidado por pessoas próximas, ao mesmo tempo em que cria sentimentos de impotência, tristeza, frustração e dor que abalam o princípio de onipotência da equipe de saúde, frequentemente responsabilizados pelo processo de cura dos pacientes (Pessini, 2001; Py, 2004).

Na atualidade, a Tanatologia, o estudo da morte e de seus fenômenos associados, tem despertado o interesse de alunos e profissionais que participam de cursos e programas de educação continuada, favorecendo reflexões acerca de como lidar com a morte. Mas nem todos possuem essa oportunidade, ou temem, e não gostariam de participar de experiências dessa natureza. E mesmo aqueles que participam ou estudam sobre o tema podem apresentar dificuldade de encarar a própria morte. Por exemplo, cita-se a escritora Susan Sontag que escreveu livros sobre doença e morte, tais como, *A Doença como Metáfora*, e o romance *Death Kit*. Ela morreu de câncer, aos 71 anos, sem conseguir aceitar sua condição. Seus últimos meses foram descritos pelo filho David Rieff, em *Nadando em um Mar de Morte – Memórias de um Filho*, no qual mencionou o fato de ela ter sido uma visitante inveterada de cemitérios e obcecada pela morte, ao mesmo tempo em que tinha pavor desta e não suportava falar a respeito.

Além da morte por si, vale mencionar que a perda de uma pessoa amada é uma das experiências mais dolorosas que o ser humano pode sofrer. É difícil para quem a vivencia, como também para quem a observa, ainda que pelo fato da impotência para ajudar. Por sua

vez, a palavra *luto* é utilizada para indicar uma variedade de processos psicológicos provocados pela perda de uma pessoa amada, quaisquer que sejam os seus resultados. Para a pessoa enlutada, apenas o retorno da pessoa perdida pode favorecer o verdadeiro conforto (Bolwby, 1985/2004).

Dentre vários aspectos, deve-se levar em consideração que o processo morrer e a experiência do luto são experiências pessoais, não existindo um padrão e uma sequência considerada normal de recuperação. De acordo com Kovács (1992, p. 50), o processo de luto só estará finalizado, quando existir “a presença da pessoa perdida internamente em paz”, havendo “um espaço disponível para outras relações”, sendo, portanto, necessário um tempo para vivenciar o luto, e não para negá-lo.

Partindo dessas informações, os objetivos do presente estudo foram investigar as representações acerca da morte e do luto em diferentes grupos etários. Dentre outros fatores, considera-se este tema relevante na medida em que existem poucos profissionais que estão preparados para lidar com a própria morte e com a morte de seus pacientes. Desse modo, busca-se contribuir com reflexões acerca da assistência psicogerontológica, apresentando resultados que possam contribuir para a melhora da atenção oferecida aos idosos, aos familiares e à população em geral.

Materiais e Método

Participantes

A amostra foi não-aleatória e obtida por conveniência. Foram entrevistados 22 sujeitos, divididos entre seis crianças, com idade variando entre 8 e 12 anos; cinco adultos jovens, com idade entre 21 a 35 anos; cinco adultos de meia-idade, com idade entre 40 e 59 anos; e seis adultos idosos, com idade superior a 60 anos. Todos possuíam nível socioeconômico médio e residiam no município de São Paulo (SP). O critério de inclusão foi a idade cronológica dos sujeitos e já terem ouvido (no caso das crianças), ou passado por alguma experiência de morte envolvendo amigos e familiares (maior projeção entre os grupos de adultos jovens, de meia-idade e idosos). *A priori*, ressalta-se que foram selecionadas crianças de 8 a 12 anos por apresentarem condições cognitivas necessárias para compreender

Salmazo-Silva, H., Zemuner, M.N., Rodrigues, P.H.da S., Andrade, T.B. de, Martiniano, V. & Falcão, D.V. da S. (2012, ag.).

As Representações da Morte e do Luto no Ciclo de Vida. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(4), pp. 185-206,

“Finitude/Morte e Velhice”. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil:

FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

as dimensões básicas do processo de morrer (universalidade, irreversibilidade, causalidade e não-funcionalidade).

Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, segundo as diretrizes do MS 196/96 e de acordo com a supervisão de uma equipe de docentes do curso de Gerontologia da EACH/USP. Respeitaram-se os procedimentos éticos de pesquisa e, no caso das crianças, a participação esteve condicionada à autorização e assinatura dos responsáveis.

Instrumentos

Ao grupo de crianças, solicitou-se a elaboração de desenhos que representassem objetos, figuras ou eventos que lembrassem a morte e a perda de algum ente querido. Nos demais grupos, foram realizadas entrevistas abertas com roteiro semi-estruturado.

Forma de Análise dos Dados

Os desenhos e as entrevistas foram analisados qualitativamente. Para as entrevistas, optou-se pela análise temática de Minayo (1994). Esse tipo de análise possibilita compreender a teia de significados que um determinado evento pode representar, extraindo informações valiosas sobre os atributos pessoais, culturais, sociais e sobre as crenças que constroem a complexidade e multifatorialidade dos fenômenos. Os dados foram categorizados e analisados, valorizando o depoimento dos sujeitos como ponto de partida para compreensão dos temas estudados.

Procedimentos para Coleta dos Dados

Neste estudo foram seguidos os parâmetros éticos estabelecidos para o desenvolvimento de pesquisas com seres humanos. Os participantes do estudo foram convidados através de contatos informais e breve explicação sobre o tema proposto. As

entrevistas foram individuais e realizadas na residência dos sujeitos. No caso do grupo de participantes idosos, as entrevistas foram realizadas em casas de repouso e instituições de longa permanência (ILPIs). No contato face a face, buscou-se estabelecer um *rapport*, com o intuito de facilitar a relação entrevistadora/entrevistada, explicando-se, de modo amplo, os objetivos gerais da pesquisa e como esta seria aplicada.

Utilizaram-se gravadores para registrar o depoimento dos adultos e anotações para registrar as explicações das crianças sobre o desenho que confeccionaram. Ao narrar os significados do desenho, os pesquisadores abriram espaço para as crianças explicarem de forma livre os símbolos e significados, evitando a elaboração de perguntas sugestivas e que pudessem interferir nos itens e significados evocados. Para preservar a identidade dos participantes, seus nomes verdadeiros foram substituídos por nomes fictícios, representados pelos personagens divinos da mitologia greco-romana.

Resultados e Discussão

A seguir, serão apresentadas figuras desenhadas pelas crianças e frases mencionadas por adultos jovens e de meia-idade e idosos. Tais conteúdos serão discutidos à luz do referencial teórico obtido através da revisão de literatura.

A Morte pelo olhar das crianças

As investigações acerca da compreensão da morte pela criança, que se iniciaram com o trabalho pioneiro de Schilder e Wechsler (1934) e prosseguiram com os estudos de Nagy (1959), aumentaram na década de 1960, e se intensificaram nas décadas de 1970 e 1980, chegando a apresentar várias informações sobre o assunto. Apesar de existirem diferenças na percepção de estudiosos em relação ao conceito de morte, foi sinalizada a importância de que este seja pesquisado não como um conceito único, mas como um conceito complexo, multidimensional, que abarca subconceitos, sendo a universalidade, a não-funcionalidade e a irreversibilidade os três componentes mais investigados (Torres, 2002).

A literatura também aponta que os princípios do desenvolvimento, tais como descritos por Piaget, são aplicáveis à ideia de morte. As crianças, desde uma idade muito precoce, já possuem uma representação da morte que vai gradualmente evoluindo, paralelamente ao desenvolvimento cognitivo (Torres, Guedes, Torres & Ebert, 1991). Todavia, Torres (2002) destacou que, na maioria dos estudos, apesar da relação encontrada entre o desenvolvimento cognitivo e o conceito de morte, ainda existe insuficiência na explicação sobre o motivo de determinada etapa piagetiana ser um pré-requisito para que um nível particular de compreensão de conceitos abstratos, como o de morte, seja alcançado.

Contudo, mesmo que, em razão de seu nível de desenvolvimento cognitivo, as crianças ainda não consigam verbalizar o sofrimento advindo com a morte, o trabalho psicanalítico revelou que estas sofrem o luto, e já são capazes de perceber o que acontece à sua volta, inclusive a morte. Esta percepção pode mostrar-se simbolicamente por meio de atividades expressivas como o jogo e o desenho (Aberastury, 1984). Nessa direção, as crianças participantes deste estudo expressaram, por meio de desenhos livres, os significados da morte e a representação do processo de morrer. Segue adiante, a figura desenhada por Métiis.



Figura 1

Salmazo-Silva, H., Zemuner, M.N., Rodrigues, P.H.da S., Andrade, T.B. de, Martiniano, V. & Falcão, D.V. da S. (2012, ag.). As Representações da Morte e do Luto no Ciclo de Vida. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(4), pp. 185-206, "Finitude/Morte e Velhice". Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

Observando o desenho realizado por Métiis, é possível visualizar a presença de um personagem que representa simbolicamente a morte, estando vestido de capuz, vestes longas e pretas. Ao centro do desenho aparece a inscrição: “Morte”. Do outro lado do desenho localiza-se um outro personagem que está submetido à forca. No topo da forca, surgem as inscrições: “ladrões”, “forca/morte”. Por meio do discurso proferido pela criança após ter realizado o desenho, foi detectado que a morte simboliza uma punição aos ladrões, pessoas que violam as leis e sofrem as consequências, como ir para a prisão nas sociedades ocidentais e sofrer algum tipo de penalidade física pelos delitos cometidos.

A figura do ladrão também foi apresentada no desenho de Estige (Figura 2, a seguir). Nesta, verificou-se que a representação da morte ocorre no assalto a um banco, em que polícia e ladrões trocam tiros e outros personagens gritam: “dinheiro” e “pega ele [sic], pega o ladrão”. Quando confeccionou o desenho, Estige lembrou-se e verbalizou sobre um episódio amplamente divulgado na mídia, na qual uma menina ficou parálitica ao receber tiro de uma bala perdida em frente a um banco em que esperava um ônibus na cidade de São Paulo (SP).



Figura 2

Conforme discutiu Santos (2007), ao contrário de ser um fenômeno prioritariamente evitado, a mídia se encarrega de atribuir à morte notas de sensacionalismo, comoção, identificação com os casos e cenas de uma realidade cruel. Outrossim, no desenho de Cratos

(Figura 3, a seguir), a representação da morte revelou-se por meio da presença de um incêndio, em que muitas pessoas buscavam correr de um prédio em chamas. É visível nos desenhos de Cratos, Estige e Métis a representação da morte presente no outro (Kovács, 1992), recebendo a atribuição de padrões sociais, de eventos que representam perigo eminente e situações que podem quebrar vínculos afetivos.



Figura 3

Assim como apresentou Bowlby (1993), as crianças nas primeiras fases do desenvolvimento, apesar de não compreenderem plenamente os atributos centrais da morte e do processo de morrer, já são capazes de vivenciar a perda de vínculos afetivos e o desamparo como experiências temerosas e negativas. Para esse autor, as crianças podem manifestar a experiência do luto como resposta à ruptura e à quebra desses vínculos que apresentariam valor de sobrevivência. Nesse sentido, as perdas poderiam ser avaliadas como desamparo, desencadeando sentimentos de ansiedade pela separação e possivelmente pânico. O desenho de Bias (Figura 4) ilustrou o processo de ritualização da morte, mostrando a forma como a personagem representou a perda de um ente querido, provavelmente o marido. Seu filho, ao lado esquerdo, agarra-se a suposta mãe e chora a morte do pai:



Figura 4

De acordo com Kovács (1992), o não esclarecimento à criança do falecimento de um ente querido pode levá-la a sentimentos de culpa em virtude de seu pensamento mágico e de sua onipotência, por, talvez, ter desejado, em alguma situação, essa morte, ou por ter vivenciado conflitos com a pessoa. Tal sentimento pode ser minimizado ou até evitado, se for comunicada à criança a causa real dessa morte.

Nos desenhos de Niké e Zelo (Figuras 5 e 6, respectivamente), a representação da morte foi desenhada e verbalizada como uma entidade particular da pessoa que está morrendo. No desenho de Niké, apareceu a inscrição “a morte é uma pessoa morrendo” e relatou que ao desenhar, lembrou-se de um caso transmitido por uma reportagem televisiva em que a criança ingeriu um copo de veneno, morrendo em seguida. Já Zelo relatou a presença de um homem caindo de um prédio, tentando suicídio. Interessante atentar que em ambos os desenhos, as crianças não utilizaram cores durante a ilustração.

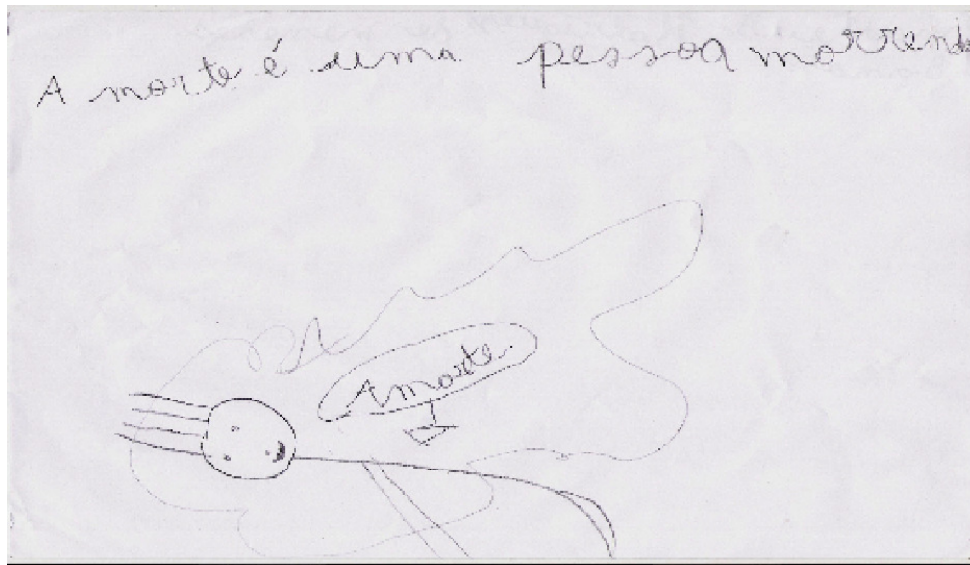


Figura 5

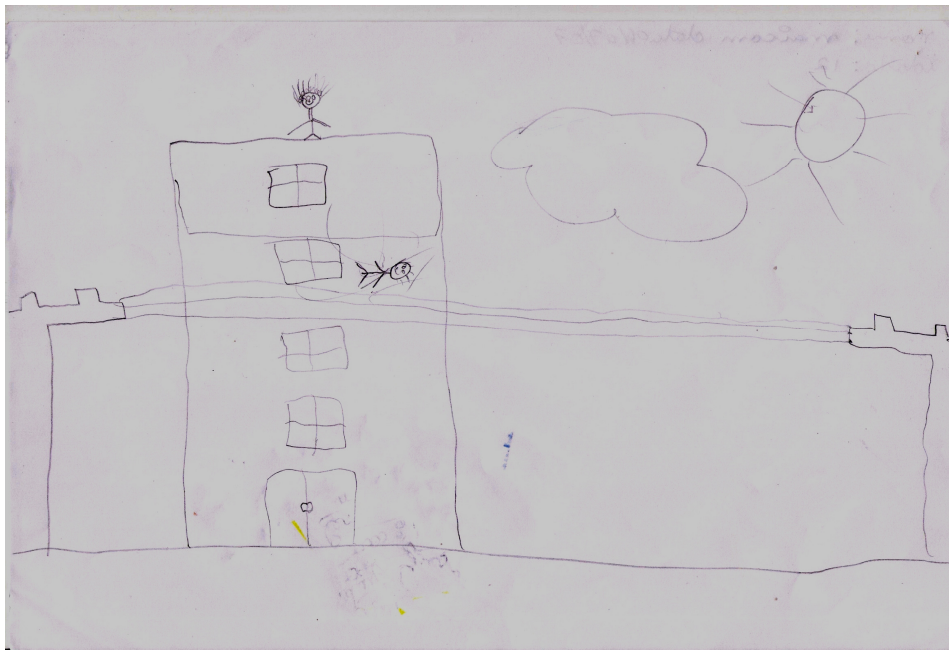


Figura 6

Analisando os dados de um serviço de saúde mental, Santos (2006) detectou que a queixa de depressão e/ou tentativa de suicídio entre crianças e adolescentes se concentrou em 10,9% dos casos atendidos. Os pacientes com queixa de depressão e suicídio apresentavam o

seguinte perfil: ter mais de seis anos de idade e, entre os indivíduos de seis a onze anos de idade, ser do sexo feminino. Os dados de Santos (2006), apesar de restritos ao número amostral de 129 sujeitos, confirmaram as estatísticas de pesquisas epidemiológicas que sugerem que as meninas apresentam maior projeção de depressão e/ou tentativa de suicídio, enquanto os meninos, maior projeção de agressividade e comportamentos agressivos. *A priori*, neste estudo, as representações referenciadas por Niké e Zelo podem suscitar a necessidade de aprofundamento das representações de morte e luto e de que modo essas questões estão relacionadas ao bem-estar subjetivo dessas crianças.

Percebeu-se que as representações da morte entre as crianças relacionaram-se com o desenvolvimento cognitivo e afetivo-emocional delas. Entre 6 e 8 anos de idade já é possível compreender a morte como um evento irreversível (sem possibilidade de volta), universal (ocorre em todos os seres vivos), que possui relações de causalidade e não-funcionalidade (perda de funções biológicas e físicas) (Borges *et al.*, 2006). Os dados deste estudo também corroboraram com os resultados da pesquisa de Nunes *et al.* (1998), realizado com crianças de 6 e 7 anos. As autoras detectaram que a forma como a morte é apresentada pelas pessoas e pelos meios de comunicação, especialmente a televisão, é absorvida pelas crianças e reproduzida nos desenhos através da posição dos corpos (deitado e com os braços abertos), da violência que gera a morte (tiro, sangue), do próprio ritual (funeral, caixão) e do sofrimento associado (lágrimas).

A morte e o luto na ótica dos adultos jovens

Analisando os depoimentos obtidos entre os adultos jovens, foi possível observar que, entre os cinco participantes, três representaram a morte como o começo de uma nova etapa, uma nova vida. “Alguns pensam que a morte é o fim de tudo! Mas pra [sic] mim, a morte apenas é o fim de uma etapa e o começo de outra, o começo que foi determinado por tudo que você fez na vida”. Este trecho do depoimento concedido por Hermes revelou uma tentativa de mostrar que o ser humano é eterno, soberano frente à morte.

Todavia, a entrevista concedida por Zeus mostrou o quão duvidoso era a morte para ele quando afirmou: “A morte é o ponto de convergência entre o conhecido, a razão e a certeza para uma transição incerta, duvidosa e totalmente desconhecida”. Isso indica que,

Salmazo-Silva, H., Zemuner, M.N., Rodrigues, P.H.da S., Andrade, T.B. de, Martiniano, V. & Falcão, D.V. da S. (2012, ag.).

As Representações da Morte e do Luto no Ciclo de Vida. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(4), pp. 185-206,

“Finitude/Morte e Velhice”. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil:

FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

apesar de toda a cultura e certezas que o homem possui, este ainda desconhece a morte, mas é uma das únicas certezas que se tem. Tal afirmativa, também, foi destacada no depoimento de Helena: “É a única certeza que temos, mas não vivemos em sua função. É o medo de muitos, mas com toda a ciência em favor da humanidade, não sabemos como reverter esse processo irreversível”. Contudo, para Morfeu, a morte foi caracterizada em duas palavras: separação e superação. “Mas o fato é que a morte é um momento de separação, de desapego de alguém próximo, que foi e é amado por nós, e também nos amou; daí a necessidade de superação, de suportar a dor e vencer os próprios limites...”

Superar a morte de um ente querido, aceitar que a pessoa que amava não está mais convivendo com seus membros familiares é insuportável para muitos e, por isso, várias pessoas procuram respostas em religiões ou buscam conforto da melhor forma possível. A fé e os preceitos religiosos parecem favorecer a capacidade de superar os sentimentos negativos e os desafios que o processo de morrer e o luto impõem. Segundo Socci (2006), a espiritualidade/religiosidade pode ser investigada como “a motivação para a busca de significado para a vida; ela transcende instituições, ideologias ou rituais” (p. 91).

De acordo com Bowlby (1985/2004), na determinação do curso do luto, ou seja, se sadio ou patológico, se intenso e mais prolongado, a variável mais influente parece ser a personalidade da pessoa enlutada, principalmente no que diz respeito à maneira como se organizam seu comportamento de apego e as formas de reação que utiliza diante de eventos estressantes. Também é fundamental atentar para as causas e circunstâncias da perda, as condições sociais e psicológicas do sujeito enlutado no momento em que sofre a perda e durante meses e anos que se seguem a ela. Desse modo, quanto mais a pessoa que vivencia o luto dependeu do falecido para obtenção de bens e serviços, incluindo relações sociais amplas, maior será o dano que a perda traz à sua vida, exigindo maior esforço para a reorganização de seu dia a dia.

Na presente pesquisa, as representações de luto relatadas pelos adultos jovens foram as seguintes: “o luto ocorre quando existe um sentimento de perda...”; “é uma espécie de homenagem em morte ao ente querido ou conhecido”; “um período em que as pessoas resguardam-se em respeito ao ente querido falecido e até a elas próprias, pois é uma fase de adaptação dura, difícil e quase que [sic] insuportável!”; “é um período em que lembramos da

pessoa com muita dor por não tê-la em nosso convívio”; “é a fase pós-morte de um ente querido, de uma pessoa muito próxima que nos deixou.”

Para este grupo etário, foi possível notar que, apesar da multiplicidade de atributos, a morte é considerada um evento irreversível, desconhecido e o luto como um ritual e perda a serem vivenciados. Na visão de Hermes, Helena, Zeus e Morfeu, o luto pode ser compreendido como a fase em que se busca a aceitação da morte de um ente querido; há uma espécie de “pesar” que decorre da ruptura de um vínculo afetivo. Caracteriza-se, em um período marcado por muita dor e saudade devidas ao fato de não se ter mais convivência com aquela pessoa.

Dados da literatura sugeriram que, entre os jovens, a perda e o processo de morrer configuram-se como realidade subjetiva e distante, tornando-se mais concreta à medida que se envelhece (Carstensen, 1995; Domingos & Maluf, 2003; Doll, 2011; Erikson, 1998; Neri, 2006; Py, 2004; Py *et al.*, 2011).

A morte e o luto na perspectiva de adultos de meia-idade

Ao analisar os depoimentos concedidos pelos adultos de meia-idade, no que se refere às representações sobre a morte e o luto, destacam-se as seguintes falas: “a morte é o final da passagem na terra” (Baco); “é o fim de tudo pra [sic] gente, mas a pessoa vive na lembrança das pessoas, porém, é o fim da missão na terra” (Apolo); “a morte é o fim da vida, do sonho. Final não tem mais volta, é inevitável. Assumir que vai morrer é triste. Acaba com a esperança.” (Morfeu). “O luto é uma forma de elaborar um sentimento de tristeza” (Baco); “O luto é um sentimento de perda da pessoa no coração” (Morfeu); “É um respeito à pessoa que partiu para outra vida” (Thanatos); “O luto não é a roupa, é tristeza, é a falta da pessoa, de sentir a presença em cada coisa que vai fazer, é algo que vem de dentro, é a saudade” (Apolo).

Semelhantemente aos adultos jovens, os adultos de meia-idade definiram a morte como um evento inevitável e irreversível e o luto como o processo de elaboração da perda de um vínculo afetivo. Todavia, acrescentaram em suas representações a ideia de desesperança e finitude de sonhos e metas. Esses dados confirmaram achados da literatura os quais sugeriram que, na meia-idade, estágio intermediário entre a vida adulta jovem e a velhice, as pessoas começam a representar a morte como um atributo do processo do desenvolvimento,

Salmazo-Silva, H., Zemuner, M.N., Rodrigues, P.H.da S., Andrade, T.B. de, Martiniano, V. & Falcão, D.V. da S. (2012, ag.).

As Representações da Morte e do Luto no Ciclo de Vida. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(4), pp. 185-206,

“Finitude/Morte e Velhice”. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil:

FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

avaliando e estimando as perdas funcionais e físicas associadas ao avanço da idade (Doll & Py, 2007; Erikson, 1998; Neri, 2006; Py *et al.*, 2011).

Como bem expressou Erikson (1998), a dimensão do tempo e a sucessão dos eventos de vida possibilitam aos adultos maduros e idosos, uma maior consciência da própria finitude e uma maior perspectiva da morte. Esse autor, ao descrever o processo de desenvolvimento da personalidade mediado por estágios de natureza epigenética e psicossocial, afirmou, também, que no adulto de meia-idade e na velhice as dimensões como a geratividade, a capacidade de cuidar do outro e a reflexão sobre o final da existência tornam-se mais presentes.

Para os adultos de meia-idade e na velhice, existem dados consistentes da literatura que sugerem que com a maturidade, as pessoas passam a perceber a finitude como mais próxima e, ainda, a formar um ponto de vista sobre a morte (Erikson, 1998; Neri, 2006). A própria velhice remete à noção de finitude e anuncia os limites da temporalidade da vida (Py & Trein, 2006).

A morte e o luto na perspectiva de pessoas idosas

Pessoas idosas possuem sentimentos mistos sobre a perspectiva de morrer. Problemas advindos com perdas oriundas da velhice, tais como, as perdas físicas podem diminuir o prazer e o desejo de viver (McCue, 1995). Conforme apontado por duas das idosas entrevistadas “eu acho que, muitas vezes, a morte favorece a gente, porque a gente está sofrendo tanto que a gente mesmo pede a morte” (Minerva). “A morte... não acho nada por enquanto. No final da vida, só esperamos isso, né?” (Diana).

Segundo Erikson (1998), adultos mais velhos que resolvem a crise final da *integridade* versus *desespero* aceitam tanto o que fizeram com suas vidas como sua morte iminente. Para Diana e Minerva, a morte recebe atributos de um “descanso eterno”. No caso particular de Diana, a morte parece se configurar numa espera. Nos depoimentos dos idosos, ao contrário das narrativas anteriores, fica clara a dimensão da finitude, em consonância com autores como Carstensen (1995). Em estudo comparativo entre idosos e pacientes terminais jovens e portadores de HIV, essa autora detectou que, quando idosos e pacientes jovens foram

comparados com as crenças de finitude, os idosos tenderam a aceitar melhor o final da vida como uma parte inexorável do desenvolvimento.

Apesar das diferenças entre a aceitação da morte, a autora observou que ambos os grupos apresentavam características similares no modo como manejavam as relações sociais. Tanto os idosos quanto os pacientes jovens pareceram priorizar as relações sociais que originavam maior satisfação e prazer, preferência orientada para o bem-estar emocional. Diante destes resultados, Carstensen (1995) concluiu que os idosos apresentavam maior aceitação do processo de morrer e que, com a proximidade da morte, ambos os grupos priorizaram os aspectos qualitativos e de bem-estar emocional nas relações.

De acordo com Goldstein (1993), a espiritualidade e a religiosidade são uma das estratégias mais ricas e utilizadas pelos idosos frente ao aumento do senso de finitude ou proximidade da morte. A crença de transcendência permitiria conforto, sensação de geratividade, bem-estar psicológico e a crença de continuidade do *self*, dimensões que aparecem como positivas na vida adulta madura e na velhice.

Ryff e Keies (1995) apontaram que o bem-estar psicológico no envelhecimento é construído por seis dimensões chave: *a auto-aceitação, relações positivas com os outros, autonomia, controle sobre o ambiente, propósito na vida e crescimento pessoal*. Esse modelo baseia-se em seis preposições psicológicas positivas, na qual a felicidade e a velhice bem-sucedida são variáveis imprescindíveis. Os resultados descritos pelas autoras, em estudo comparativo de idosos e adultos jovens na comunidade americana, foram de que os indivíduos mais velhos apresentaram valores elevados em quase todas as dimensões, com exceção das dimensões *propósito na vida e crescimento pessoal*. Tais resultados reforçaram objetivamente a sensação de crença na finitude, apresentando implicações diretas sobre o bem-estar psicológico.

Quanto às representações de luto na velhice, apresentam-se as seguintes verbalizações das pessoas idosas entrevistadas: “É bobagem, antigamente se usava muito luto, agora não se usa mais (Diana); “Eu não vou fazer o luto para a pessoa que morreu, eu vou ficar alegre, não vou me vestir de preto e nem de vermelho. Tem pessoa [sic] que fica um ano andando de preto [Ele indaga] Morreu, morreu...” (Marte); “O luto é significativo, não é só usar roupa preta, eu nunca usei, mas o luto quer dizer silêncio, rezar para a pessoa que faleceu, não tocar música e ter todo o respeito” (Afrodite).

Afrodite foi a única entre os idosos que concebeu a ritualização do luto. Para os demais entrevistados, o luto não era algo necessário. A partir deste discurso, uma questão surge: por que o luto foi desconsiderado por essas pessoas? Será que a dimensão da própria finitude os fez distanciar-se das formas de expressar o luto e a perda? A maior possibilidade de se aproximar da morte e a vivência de perdas significativas nos aspectos físicos, sociais e familiares afetam a maneira de os idosos expressarem o luto, referenciando menor necessidade para expressá-lo?

Doll (2011) sugeriu que, na velhice, os idosos podem fazer uso de maior bagagem emocional para lidar com a morte e com o processo de morrer dos familiares e amigos. Todavia, apesar de fazer maior uso de recursos socioemocionais aprimorados ao longo da vida, na velhice os sujeitos apresentam a possibilidade de vivenciar um luto acumulado ou de perder o suporte instrumental que recebiam dos cônjuges, familiares e amigos. Assim sendo, a morte pode representar a perda de uma rotina estabelecida há longa data, podendo causar estranheza para a adoção de novos hábitos de vida.

Percebe-se que, além de fatores socioculturais e religiosos, há aspectos de ordem individual que podem vir a prejudicar o enfrentamento da morte e do luto, tais como as experiências que o sujeito teve com a perda de pessoas mais próximas afetivamente. Segundo Papalia, Olds e Feldman (2006), com a ajuda da rede de suporte social, a maioria das pessoas que estão de luto é capaz de se conciliar com sua perda e de voltar a viver normalmente. Entrementes, para algumas, indica-se terapia para perda. Também, embora algumas pessoas recuperem-se com rapidez após o luto, outras nunca o fazem.

Considerações Finais

A representação da morte e do luto foi heterogênea entre os grupos pesquisados. Em síntese, para as crianças, a morte caracterizou-se como um evento não-normativo, representados por elementos que remetiam à violência urbana e punição frente ao desvio de normas sociais, presentes no cotidiano que vivenciavam, mas ao mesmo tempo distantes da própria realidade individual. Por sua vez, os adultos jovens conceberam a morte como algo transcendente e o luto como a expressão da perda. Os adultos de meia idade sinalizaram o

respeito ao processo de luto e se referiram à morte como finitude, perda de esperança. Já para os idosos, a dimensão da própria finitude se expressou com maior clareza nas narrativas concedidas.

Apesar dos dados sistematizados, observa-se que não existe um modo único de ver a morte e o processo de morrer em qualquer idade. As atitudes e tomada de decisões perante ela refletem sua personalidade e sua experiência e, também, o quanto elas acreditam estarem próximas de morrer. Assim como o processo de morrer recebe diferentes conotações históricas e de modelos societários, as formas convencionais de ritualizar a morte podem desprivilegiar as necessidades das pessoas que atualmente vivenciam o processo de luto. Estes tipos de ritualizações podem ser múltiplas, compatíveis com a cultura contemporânea e, por vezes, podem desprivilegiar as formas convencionais de vivê-lo (Doll, 2011; Doll & Py, 2007).

Verifica-se que a reflexão sobre a morte e o luto recebe, entre outros atributos, a presença de elementos socioculturais, individuais e do ciclo de vida. Aprimorar os conhecimentos sobre como diferentes grupos etários compreendem a complexidade da morte e do luto ajuda-nos a aprimorar os achados sobre as representações desses eventos e sobre como intervir de forma positiva nos contextos da perda e do processo de morrer.

Por fim, cabe mencionar que, o presente estudo apresentou algumas limitações: 1) os participantes foram selecionados aleatoriamente e por conveniência; 2) a comparação entre grupos de idades não levou em conta a avaliação longitudinal (estudo de seguimento e comparativo), o que poderia detectar as mudanças de percepção do mesmo sujeito ao longo do ciclo de vida; 3) a amostra analisada foi relativamente pequena. É possível que, em amostras representativas, os dados apresentados revelem outras dimensões e representações acerca da morte e do luto; 4) estudos transculturais e transgeracionais poderiam revelar dados adicionais aos apresentados, o que enriqueceria a discussão dos resultados.

Referências

- Aberastury, A. (1984). A percepção da morte nas crianças. M.N.Folberg, Trad. In: Aberastury, A. & cols. (Orgs.). *A percepção da morte na criança e outros escritos*, 128-139. Porto Alegre (RS): Artes Médicas.
- Ariès, P. (1977). *História da morte no ocidente* (P.V. Siqueira, Trad.). Rio de Janeiro (RJ): Francisco Alves.
- Ariès, P. (1989). *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*. (2ª ed.). Lisboa (Portugal): Teorema.
- Barros, M.D.A., Ximenes, R. & Lima, L.C. (2001). Mortalidade por causas externas em crianças e adolescentes: tendências de 1979 a 1995. *Revista de Saúde Pública*, 35(2), 142-149.
- Birren, J.E. (1961). A brief history of the psychology of aging. *The Gerontologist*, 1, 69-77; 127-134.
- Birren, J.E. & Schrootes, J.J. (2001). The History of Geropsychology. In: Birren, J.E. & Schaie, K.W. (Eds.). *Handbook of the Psychology of Aging*, 1-25. San Diego (CA): Academic Press (cap.1).
- Borges, A.D.V.S. et al. (2006). Perception of death by oncological patient along its development. *Psicologia em estudo*, 11(2), 361-369. Maringá (PR).
- Bowlby, J. (2004). Perda: tristeza e depressão. In: *Apego e perda*. (vol. 3). (V. Dutra, Trad.). (3ª ed.). São Paulo (SP): Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1993). Separação: Angústia e raiva. In: *Apego e perda*. (vol. 2). (L.H.B. Hegenberg & M. Hegenberg, Trans.), São Paulo (SP): Martins Fontes.
- Carstensen, L.L. (1995). Motivação para o contato social ao longo da vida: uma teoria da seletividade sócio-emocional. Neri, A.L. e Goldstein, L.L., Trad. In: Neri, A.L. (Org.). *Psicologia do Envelhecimento*, 111-144. Campinas (SP): Papirus.
- Doll, J. (2011). Luto e Viuvez na Velhice. In: Freitas, E.V. et al. (Orgs.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*, 1335-1349. (3ª ed.). Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan.
- Doll, J. & Py, L. (2007). O idoso na relação com a morte: Aspectos éticos. In: Neri, A.L. (Org.). *Qualidade de vida na velhice: enfoque multidisciplinar*, 279-300. (Cap.12). Campinas (SP): Alínea.
- Domingos, B. & Maluf, M.R. (2003). Experiências de perda e luto em escolares de 13 a 18 anos. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 16(3), 577-589. Porto Alegre (RS).
- Erikson, E. (1998). *O Ciclo de Vida Completo*. Porto Alegre (RS): Artes Médicas.
- Freud, S. (1917). Luto e melancolia. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 275-291. (Standard Brasileira, v. XIV, edição de 1980). Rio de Janeiro (RJ): Imago.
- Goldfarb, D.C. (1998). Corpo e Temporalidade: Aporte para a Clínica do Envelhecimento. *Revista Kairós Gerontologia*, 1 (1), 01-08. São Paulo (SP): FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

- Kovács, M.J. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo (SP): Casa do Psicólogo.
- Mccue, J.D. (1995). *The naturalness of dying*. *Journal of the American Medical Association*, 273, 1039-1043.
- Minayo, M.C.S. (Org.). (1994). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. (19ª ed.). Petrópolis (RJ): Vozes.
- Nunes, D.C. et al. (1998). As crianças e o conceito de morte. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(3), 579-590.
- Pasuphati, M. E. & Mansour, E. (2006). Adult Age Differences in Autobiographical Reasoning in Narratives. *Psychology and Aging*, 42(5), 798-808.
- Pessini, L. (2001). *Distanásia: até quando prolongar a vida?* São Paulo (SP): Loyola.
- Py, L. (2004). *Velhice nos arredores da morte: a interdependência na relação entre idosos e seus familiares*. (1ª ed.). Porto Alegre (RS): EDIPUCRS.
- Py, L., Trein, F., Oliveira, J.F. & Azevedo, D.L. (2011). O tempo e a morte na velhice. In: Freitas, E.V et al. (Orgs.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*, 1, 1350-1359. (3ª ed.). Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan.
- Ramires, V.R.R. (2004). As transições familiares: a perspectiva de crianças e pré-adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 9(2), 183-193.
- Ryff, C.D. & Keyes, C.L.M. (1995). The Structure of Psychological Well-Being Revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(4), 719-727.
- Santos, P.L. (2006). Problemas de saúde mental de crianças e adolescentes atendidos em um serviço público de psicologia infantil. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 351-321.
- Socci, V. (2006). Religiosidade e o adulto idoso. In: Witter, G.P. (Org.). *Envelhecimento: Referenciais Teóricos e Pesquisas*, 87-101. Campinas (SP): Alínea.
- Souza, C.A. (2007). A 'Interdição' da Morte nos Telejornais [Artigo]. In: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. (Org.). *Comunicações e artigos científicos, XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 1-15.
- Torres, W.C. et al. (1991). Algumas contribuições à pesquisa sobre a morte. In: Cassorla, R.M.S. (Orgs.). *Da morte: estudos brasileiros*, 131-144. Campinas (SP): Papyrus.
- Torres, W.C. (2002). O conceito de morte em crianças portadoras de doenças crônicas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(2), 221-229.
- Wright, L.M. & Nagy, J. (2004). Morte: o mais perturbador segredo familiar. In: Imber-Black, E. *Os segredos na família e na terapia familiar*, 128-146. Porto Alegre (RS): Artmed

Recebido em 02/08/2012

Aceito em 12/08/2012

Henrique Salmazo da Silva - Gerontólogo. Bacharel em Gerontologia pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH/USP). Mestre em Ciências pela Faculdade de Saúde Pública da USP.

E-mail: henriquesalmazo@yahoo.com.br

Mariana Nakajo Zemuner - Gerontólogo. Bacharel em Gerontologia pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH/USP).

Pedro Henrique da Silva Rodrigues - Gerontólogo. Bacharel em Gerontologia pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH/USP).

Tatiane Barbosa de Andrade - Gerontólogo. Bacharel em Gerontologia pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH/USP).

Vanilda Martiniano - Gerontólogo. Bacharel em Gerontologia pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH/USP).

Deusivania Vieira da Silva Falcão - Professora Doutora da Universidade de São Paulo - Escola de Artes, Ciências e Humanidades (USP-EACH). Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Psicóloga e Mestra em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

E-mail: deusivaniafalcao@gmail.com

Endereço para Correspondência (remeter a Henrique Salmazo da Silva):

Rua Felipe Bonani, 59. Jd Iguatemi. CEP 08372-040. São Paulo (SP).